

# A mercantilização da escassez: uma leitura ecocrítica dos desdobramentos distópicos no conto “The Tamarisk Hunter”, de Paolo Bacigalupi

## *The Commodification of Scarcity: An Ecocritical Reading of the Dystopian Developments in Paolo Bacigalupi’s Short Story “The Tamarisk Hunter”*

**Mateus Nascimento Rodrigues**

Universidade Estadual do Piauí (UESPI)

Teresina | PI | BR

mateusnrodrigues29@gmail.com

<https://orcid.org/0009-0008-6602-0297>

**José Wanderson Lima Torres**

Universidade Estadual do Piauí (UESPI)

Teresina | PI | BR

josewanderson@ccm.uespi.br

<https://orcid.org/0000-0003-2304-0681>

**Resumo:** O presente artigo propõe uma leitura ecocrítica do conto “The Tamarisk Hunter” (2008), de Paolo Bacigalupi, com foco nos elementos distópicos da narrativa que emergem na interseção entre a lógica do capitalismo e a crise ambiental. O objetivo principal é analisar como essa configuração especulativa enseja uma crítica às consequências do modelo de dominação capitalista nas esferas humanas e ecológicas. Para isso, realizamos a investigação através de uma pesquisa bibliográfica, de abordagem qualitativa e cunho exploratório, fundamentada nos estudos do gênero literário distópico, de reflexões sobre o capitalismo tardio e da teoria ecocrítica, partindo dos pressupostos teóricos de Claeys (2017), Tavares (2024), Moylan (2000), Jameson (1997), Fisher (2020), Garrard (2004), Glotfelty (1996) e Buell (1995). Sob esse entendimento, exploramos as possibilidades de problematizar o modelo de gerenciamento contemporâneo dos recursos naturais por meio da literatura de distopia, entendida aqui como uma projeção temporal precisa daquilo que já vivemos, que, ao imaginar a pior alternativa social possível, nos alerta sobre as contradições e preocupações em desdobramento na nossa configuração social presente (Claeys, 2017). Em relação aos resultados, compreendemos que em “The Tamarisk Hunter”, Bacigalupi articula uma constituição distópica em que a crise ambiental passa a ser mecanismo para perpetuar os níveis estruturais da sociedade, impelindo os sujeitos enredados a condições lamentáveis, ao passo



em que a natureza e as possibilidades de existência nela são progressivamente apagadas. Assim, lemos a obra como um exercício reflexivo que, por meio da imaginação distópica, materializa e evidencia a insustentabilidade “naturalizada” do sistema capitalista.

**Palavras-chave:** paolo bacigalupi; “The Tamarisk Hunter”; distopia; ecocrítica; capitalismo.

**Abstract:** This article puts forward an ecocritical reading of Paolo Bacigalupi’s short story “The Tamarisk Hunter” (2008), focusing on the dystopian elements that arise at the intersection of capitalist drive and environmental crisis. Its principal aim is to examine how Bacigalupi’s speculative scenario critiques the consequences of capitalist modes of domination over both human and natural spheres. To this end, we conducted a qualitative, exploratory, bibliographic research grounded in dystopian literary studies, reflections on late capitalism, and ecocritical theory, drawing on the work of Claeys (2017), Tavares (2024), Moylan (2000), Jameson (1997), Fisher (2020), Garrard (2004), Clotfelty (1996) and Buell (1995). Under this framework, we explore how dystopian literature can problematize contemporary modes of natural-resource production, understood here as a precise projection of present realities that, by imagining the worst possible social outcome, warns us about the ongoing contradictions and emerging concerns within our current social configuration. Our analysis reveals that in “The Tamarisk Hunter”, Bacigalupi constructs a dystopian scenario in which environmental crisis becomes a mechanism for perpetuating the structural hierarchies of society, driving individuals into deplorable conditions as the natural world, and the prospects for human life within it, are progressively erased. Thus, we interpret the work as a reflective exercise that, through dystopian imagination, materializes and highlights the “naturalized” unsustainability of the capitalist system.

**Keywords:** paolo bacigalupi; “The Tamarisk Hunter”; dystopia; ecocriticism; capitalism.

## 1 Introdução

É certo que, nos últimos anos, estamos vivenciando uma era de intensas transformações exponenciais e paradoxais que, em nome do “progresso” da civilização, têm corroído a nossa própria constituição humana e sua relação com a natureza. A era do Antropoceno concretiza os danos irreversíveis que provocamos à Terra, de modo que presenciamos agora as suas inúmeras consequências que se intensificam cada vez mais com o aquecimento global. Frente a isso, tal cenário tem provocado alguns desdobramentos nas produções culturais referentes à literatura especulativa, quando autores das ficções científicas e distopias começam a perceber e denunciar as problemáticas nocivas da apropriação crescente dos recursos naturais.

Paolo Bacigalupi, escritor norte-americano, é um dos nomes mais influentes dessa corrente da ficção científica contemporânea. Conhecido por suas narrativas que articulam projeções climáticas distópicas, sua obra explora a construção de futuros devastados por crises ecológicas, escassez de recursos naturais e desigualdade social, de modo que a maioria das suas narrativas podem ser lidas enquanto problematizações vigentes dos rumos que estamos percorrendo na nossa relação com a biosfera. Entre suas produções mais conhecidas estão os romances “The Windup Girl” (2009), vencedor dos prêmios Hugo e Nebula, e “The Water Knife” (2015), que consolidaram sua compreensão literária sobre as questões ambientais.

Além desses romances, gostaria de destacar a produção de narrativas curtas de Bacigalupi. Na coletânea “Pump Six and Other Stories” (2008), vemos o conto “The Tamarisk Hunter” (2008), que apresenta um futuro distópico onde a escassez de água é manejada a fim de gerar lucro, ilustrando um sistema que gera e perpetua a crise ambiental enquanto mecanismo de controle e acumulação capitalista. Logo, identificamos, na narrativa em questão, a perspicácia do escritor na sua urgência de denunciar as consequências da degradação ambiental e suas relações com a desigualdade socioeconômica sob a lógica do capitalismo tardio, tendo como proposta alertar sobre a constituição maximizada de uma crise que parece cada vez mais inevitável.

A partir disso, propomos responder neste artigo à seguinte questão: de que forma o conto “The Tamarisk Hunter”, de Paolo Bacigalupi, representa a crise ecológica e sua instrumentalização como mecanismo de controle e dominação capitalista. Sabendo disso, nosso objetivo principal é analisar como essa configuração especulativa enseja uma crítica às consequências do modelo de apropriação e dominação capitalista nas esferas humanas e ambientais. Para isso, desenvolvemos uma pesquisa bibliográfica, de abordagem qualitativa e cunho exploratório, fundamentada nos pressupostos teóricos de Claeys (2017), Tavares (2024), Moylan (2000), Jameson (1997), Fisher (2020), Garrard (2004), Glotfelty (1996) e Buell (1995). Portanto, lançamos como hipótese que em “The Tamarisk Hunter”, a apropriação e destruição da natureza, que culmina na escassez hídrica, formula um aparato de dominação, estabelecendo, de forma metafórica, uma projeção dos receios contemporâneos em relação ao gerenciamento capitalista ambiental.

Ao desenvolver a pesquisa, realizamos a verificação bibliográfica de modo a melhor situar a narrativa analisada. Ao buscar estudos sobre o conto em questão, localizamos apenas dois artigos sobre “The Tamarisk Hunter”: o artigo de 2024 “Escolhas lexicais e desesperança ambiental: analisando a escassez de Água em The Tamarisk Hunter”, de Muhammad Sami, Asia Iqbal, Muhammad Irfan e Muhammad Asif Nadeem, que centraliza uma análise da representação da escassez hídrica; e o trabalho de 2023 “Imaginários do antropoceno e ‘The Tamarisk

Hunter' de Paolo Bacigalupi, como narrativa, de Maria Jose Butler", que interpreta o conto a partir dos imaginários do Antropoceno e de suas implicações ecológicas contemporâneas.

Diante do pequeno número de estudos sobre o conto, direcionamos também o levantamento com o critério de seleção voltado para análises ecocríticas da obra completa de Paolo Bacigalupi. Nesse processo, localizamos uma pequena quantidade de trabalhos centrados no romance mais conhecido, "The Water Knife", que também se articula nas premissas da distopia. Encontramos um trabalho que investiga "The Water Knife" a partir da denominação do conceito de "ficção climática", explorando as estratégias de sobrevivência e a negociação da água (Perrin, 2020). Encontramos uma dissertação acadêmica que centraliza uma interpretação de "The Water Knife" com ênfase no impacto da poluição hídrica em (Lestari, 2024). Por fim, encontramos uma análise dessa obra que aborda as temáticas e tensões ecocríticas que atravessam a narrativa (George; Sharmilla, 2024).

Com base nessas buscas, percebemos que há uma lacuna existente nos estudos da obra de Bacigalupi, ainda mais evidente na falta de produções sobre suas narrativas curtas e de estudos nacionais. Ainda que as pesquisas encontradas focalizem suas interpretações em análises ecocríticas, vemos uma carência de profundidade para interpretar as peculiaridades literárias do autor, evidenciada pela ausência de diálogos com estudos sobre a construção textual distópica e as discussões que fundamentam aquilo que vemos de forma mais contundente nas obras em questão, a crítica ao sistema capitalista. O conto "The Tamarisk Hunter", por sua vez, nos oferece possibilidades para preencher essa lacuna, permitindo uma análise de seus elementos distópicos enquanto problematização ecocrítica que expõe a insustentabilidade daquilo que vem se apresentando como natural: a lógica inerente ao gerenciamento capitalista dos recursos ambientais.

## **2 A distopia capitalista: reflexões literárias sobre a crise contemporânea**

Mediante um contexto de transformações contínuas, devemos refletir criticamente sobre a posição que ocupamos enquanto sujeitos inseridos em uma sociedade globalizada. Desde as grandes acelerações provocadas pela Revolução Industrial, no século XIX, o capitalismo consolidou-se como o sistema hegemônico que estrutura e atravessa praticamente todos os aspectos de nossas vidas. Consequentemente, por mais que sua lógica voltada à produção incessante e ao acúmulo de capital gere avanços significativos nas esferas tecnológica e econômica, também intensifica as desigualdades sociais e as consequências cada vez mais abruptas ao meio ambiente, produzindo binarismos como centro e periferia, progresso e destruição. Sublinhamos, portanto, como esse sistema se engendrou a partir de uma lógica que, por trás da ideia de transformação, acentua cada vez mais a polarização.

Diante das múltiplas crises que atravessam o mundo contemporâneo, torna-se cada vez mais comum deparar-se com noticiários alarmantes que colocam em xeque a nossa condição humana rumo a um futuro inexplorável. As intensas transformações climáticas, aceleradas pelas ações humanas ao longo dos últimos séculos, somam-se ao vertiginoso avanço de tecnologias de vigilância, da inteligência artificial e a engenharia genética, alterando significativamente nossa relação com o mundo natural. Essas mudanças, longe de promoverem

uma integração equilibrada entre humanidade e natureza, têm contribuído para um cenário de incerteza e desumanização, nos aproximando cada vez mais de um futuro visto apenas nas formas mais pessimistas da literatura e do cinema distópico.

Assim, nos últimos anos, passou a ser mais comum questionarmos se já estamos vivendo em uma distopia. Como aponta o professor Gregory Claeys (2017), a distopia retrata sociedades fictícias as quais implicam imagens de um futuro devastado pela ruína, medo e catástrofe. Desse modo, no campo literário distópico são projetadas e vislumbradas as piores alternativas sociais possíveis, em que predominam a miséria, a destruição e a representação do fim de um mundo humanizado (Claeys, 2017). Diante dessas descrições, a realidade atual parece não estar distante desses pesadelos, sendo que, paradoxalmente, seus aspectos mais sombrios consolidam-se progressivamente de forma naturalizada pelo sistema vigente.

A professora Débora Tavares (2024), a partir da perspectiva materialista dialética, aponta que essa percepção é resultado da lógica do capitalismo, estruturada e sustentada por sua ideologia. Segundo a pesquisadora, essa ideologia “impede a crítica efetiva ao sistema, reforçando a ideia de que ele é natural e inescapável” (Tavares, 2024, p. 2). Tais pressuposições constituem a hegemonia do sistema, o que acaba por intensificar as diversas crises societais, humanas e ambientais em nossa sociedade. Em outros termos, presenciamos a normalização de um mundo movido pela desigualdade, destruição ambiental e apropriação, em que o sistema oferece riqueza e conforto para uma pequena parcela da população, ao passo que constrói uma realidade distópica para sua maioria, transformando e afetando negativamente a realidade.

A fim de entender mais a fundo tais questões, uma boa reflexão desse momento pode ser feita sob a perspectiva materialista de Fredric Jameson, que o entende como o capitalismo tardio. Para Jameson (1997), essa fase é marcada por um aprofundamento do processo de mercantilização completa da vida. O capitalismo, agora em sua forma mais avançada (tardio), não apenas organiza a produção e o consumo de bens materiais, mas também submete os espaços simbólicos, subjetivos e ecológicos à lógica da mercadoria. Nas palavras do crítico:

Esse capitalismo mais puro de nosso tempo elimina os enclaves de organização pré-capitalista que ele até agora tinha tolerado e explorado de modo tributário. Nesse aspecto, sentimo-nos tentados a falar de algo novo e historicamente original: a penetração e colonização do inconsciente e da Natureza, ou seja, a destruição da agricultura pré-capitalista do Terceiro Mundo pela Revolução Verde e a ascensão das mídias e da indústria da propaganda (Jameson, 1997, p. 61).

A partir do trecho, segundo uma leitura jamesoniana, ressaltamos que estamos inseridos em um mundo “pós-moderno”, cuja premissa é fazer com que nada escape da lógica de produção do capital, que acaba por gerar uma experiência de dominação e subordinação tanto na esfera subjetiva (inconsciente), quanto sobre a natureza. Ou seja, entendemos que, nessa atual configuração, predomina-se a intensificação da lógica do capitalismo tardio, cuja expansão tende a absorver dimensões antes parcialmente externas à sua dinâmica. A colonização do inconsciente e da natureza, mencionada por Jameson, indica justamente esse processo de incorporação, no qual tanto a subjetividade quanto o meio ambiente passam a ser reorganizados segundo imperativos do capital. Partindo dessa premissa, vivemos em uma era em que as fronteiras entre cultura, natureza e economia se dissolvem, na qual formas de arte, afetos, e experiências tornam-se passíveis de apropriação e circulação, fazendo com que o sistema consiga eliminar aquilo que escape a sua lógica, tornando-se “natural”. A partir disso,

vislumbramos nossa condição de aprisionamento em um sistema extremamente contraditório - uma distopia capitalista - que se apresenta como inescapável.

Mark Fisher reflete sobre isso a partir do conceito “realismo capitalista”, partindo da famosa frase atribuída ao próprio Fredric Jameson e a Žižek Slavoj, “é mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo”, Fisher associa o slogan ao que ele diz sobre o conceito, sendo que tal proposição materializa-se a partir da disseminação de um sentimento de que o capitalismo é o “único sistema econômico viável, sendo impossível imaginar outras alternativas a ele” (Fisher, 2020, p. 10). Como nos lembra o autor, essa percepção, contudo, não decorre de uma impossibilidade concreta, mas da naturalização ideológica das estruturas do capitalismo frente aos seus desdobramentos e forças que se expandem nesse mundo globalizado. Por conseguinte, o sistema torna-se aparentemente inquestionável e onipresente, não porque seja absoluto, mas porque suas formas de organização material e simbólica operam de modo a obscurecer outras possibilidades históricas. Reconhecer esse mecanismo é fundamental para desmistificar essa suposta inevitabilidade e reabrir o campo da imaginação política.

Pensando nisso, uma leitura de Jameson (1997) e Fisher (2020) nos permite postular que esse sistema flui de modo contraditório. Se ele necessita de nossa contribuição para se instaurar enquanto apropriação tanto da cultura, quanto por meio da apropriação física do corpo e da natureza, por que as resistências se tornam desesperançosas, levando à aceitação dessa naturalização? Logo, Fisher propõe que “o realismo capitalista só pode ser ameaçado se for de alguma forma exposto como inconsciente ou insustentável, ou seja, mostrando que o ostensivo ‘realismo’ do capitalismo na verdade não tem nada de realista” (Fisher, 2020, p. 33). De outro modo, o que se apresenta como “realista” é justamente aquilo que ignora ou mascara as contradições do sistema, perpassando de forma inconsciente a sua ideologia insustentável de dominação e produzindo as crises econômicas, ambientais e psicológicas as quais vivemos.

Identificando essa contradição, ponderamos como podemos criticar de modo efetivo esse realismo capitalista. Seguindo o argumento de Fisher (2020), se o capitalismo opera por meio da naturalização de seus valores contraditórios e da produção de um horizonte que os apresenta como inevitáveis, sua desestabilização passa, precisamente, pela problematização dos mecanismos simbólicos inseridos nessa estrutura. Nesse sentido, a crítica não se realiza apenas no plano econômico, mas, sobretudo, no campo cultural, pois é nesse âmbito que se produzem e legitimam narrativas que questionam o capitalismo como a única alternativa possível, reestruturando percepções acerca do *status quo* social. É a partir dessa dimensão que situamos nossa proposta: enquanto críticos literários, investigamos como a literatura, por meio de seus recursos formais e imaginativos, pode expor as fissuras desse horizonte, tornando visíveis suas contradições e reabrindo possibilidades de reflexão que o realismo capitalista busca obscurecer.

De forma mais específica, retomamos novamente a literatura distópica, pois o vislumbre do futuro como algo extremamente nocivo a ser evitado revela uma possibilidade de crítica ao mundo contemporâneo. Ou seja, o que é alertado nas distopias literárias ressoa no nosso presente sobretudo diante da lógica hegemônica do sistema capitalista. Dessa maneira, em consonância com Tavares (2024, p. 2), “a ficção distópica nos ajuda a ver o que a realidade já é, mas por meios metafóricos”. Portanto, podemos pensar a distopia como uma forma crítica de imaginação para desafiar o *status quo* político e social, identificando que há sim alternativas para questionar a nossa realidade e buscar novos caminhos através da literatura. Ao explorar futuros possíveis nos quais a totalidade da vida é submetida à lógica do controle, da vigilân-

cia, da mercantilização e da degradação ambiental, as distopias denunciam as consequências extremas do capitalismo tardio. Claeys (2017) aponta que a estrutura narrativa distópica evidencia as contradições internas desse sistema.

Ao retratar sociedades em que “a maioria substancial sofre escravidão e/ou opressão em resultado da ação humana”<sup>1</sup>, o teórico compreende a distopia como um mundo em que a humanidade é impelida a formas de dominação que, por sua vez, podem ser contestadas (Claeys, 2017, p. 290, tradução nossa). Nesse dilema, as narrativas distópicas<sup>2</sup> nos oferecem uma perspectiva mediada pelas protagonistas que enfrentam a subjugação da humanidade no futuro sombrio, proporcionando visões e lutas que buscam desafiar os valores vigentes (Moylan, 2000).

Diante disso, a própria estrutura narrativa distópica busca expor as problemáticas que ecoam em nossa sociedade, evidenciando as contradições que permeiam e reforçam os binarismos do sistema capitalista. Tal posicionamento pode ser melhor resumido nas palavras de Tavares, pois para a professora e pesquisadora:

Ao conceber o pior cenário possível (por isso o termo distopia, em grego “lugar ruim”), a narrativa distópica nos convida a pensar o que podemos fazer para evitar que esse cenário se concretize. Essa função imaginativa é capaz de projetar um desfecho alternativo e igualitário, e talvez a literatura seja um dos muitos outros espaços em que podemos imaginar o que o sistema julga impossível – um fim para o capitalismo (Tavares, 2024, p. 3).

Com base nisso, essa literatura nos traz a capacidade de imaginar e projetar um futuro que ecoa a realidade, refletindo sobre como podemos questionar e evitar os desdobramentos que tomam rumo no sistema. Esses textos funcionam como dispositivos metafóricos que expõem os efeitos da lógica “realista capitalista”, em que não seria possível imaginar alternativas (Fisher, 2020). Portanto, cabe-nos estabelecer outros modos de pensar que escapem essa lógica desumana, reiterando que a distopia, através de seu “pessimismo potencializado”, cristaliza de forma bem mais perceptível aquilo que é mascarado pela ideologia, permitindo a visualização das contradições internas que aceitamos de forma naturalizada.

Para concluir esta seção, discutimos as questões relacionadas à lógica do capitalismo tardio e sua naturalização. Refletimos também sobre o papel da literatura especulativa no âmbito da distopia, especialmente por seu potencial de propor alternativas que confrontem esse sistema, problematizando e buscando superar a “distopia capitalista” em que vivemos. Após ter lançado mão dessas reflexões, passamos agora a direcionar nosso olhar para a análise ecocrítica do conto distópico “The Tamarisk Hunter”, buscando revelar a estruturação desse modelo capitalista e suas interfaces com o meio ambiente que se desdobram de forma desumana nas experiências das personagens enredadas, na medida em que a distopia representada no conto nos permite explorar criticamente tais articulações.

<sup>1</sup> “a substantial majority suffer slavery and/or oppression as a result of human action.”

<sup>2</sup> Tais formulações narrativas podem ser observadas a partir do “boom” de distopias do século XX, com obras que popularizam o gênero em questão, como “Brave New World” (1932), de Aldous Huxley; “1984” (1949), de George Orwell; e “Fahrenheit 451” (1953), de Ray Bradbury (Moylan, 2000). Esses elementos também se manifestam em produções mais contemporâneas, com a saga “The Hunger Games” (2008 - 2010), de Suzanne Collins, “Oryx and Crake” (2003), de Margaret Atwood, e as próprias distopias ambientais de Bacigalupi.

### 3 Uma leitura ecocrítica dos desdobramentos distópicos em “The Tamarisk Hunter”, de Paolo Bacigalupi

Seguiremos agora lançando mão de discussões de alguns temas para desenvolver uma leitura ecocrítica dos desdobramentos distópicos materializados nas relações entre capital, meio ambiente e crise ambiental no conto “The Tamarisk Hunter”, de Paolo Bacigalupi. Propomos analisar como os aspectos distópicos presentes na narrativa explicitam a apropriação e mercantilização da natureza, apontando a obra enquanto uma problematização metafórica do sistema de produção e existência contemporâneo nas esferas humanas e ambientais. Nesse âmbito, as discussões subjacentes ao próximo subtópico propõem-se a construir um entendimento da ecocrítica como teoria, para depois apontarmos uma interpretação da narrativa destacada.

#### 3.1 Ecocrítica e distopia: caminhos para uma crítica das crises ambientais

Enquanto abordagem teórica, as perspectivas ecocríticas surgiram recentemente, se propondo questionar em que medida a literatura pode contribuir para a compreensão das crises ambientais e para a construção de novas formas de interação entre humanos e o meio ambiente. Enquanto campo de investigação acadêmico, a mesma tem suas raízes intelectuais remontadas à reflexões como as de Henry David Thoreau, que desde o século XIX questionava as relações entre cultura e natureza (Buell, 1995). No entanto, tais posicionamentos se cristalizaram tempos depois com a publicação de “The Environmental Imagination” (1995) de Lawrence Buell e “The Ecocriticism Reader: Landmarks in Literary Ecology” (1996), editado por Cheryll Glotfelty e Harold Fromm. A partir daí, a ecocrítica introduziu novas dimensões de estudo dessas questões, ampliando suas interpretações para além das fronteiras tradicionais da crítica literária.

Assim, a ecocrítica se estabelece como um campo de investigação dedicado ao exame das construções discursivas da natureza na cultura (Garrard, 2004). De modo mais específico, como define Glotfelty (1996, p. XVIII, tradução própria), a ecocrítica é “[...] o estudo da relação entre literatura e o meio ambiente”,<sup>3</sup> promovendo uma abordagem centrada na terra diante sua dimensão simbólica e crítica materializada no discurso literário. Destarte, partimos do ponto em que tal aparato teórico busca compreender como as narrativas literárias representam, moldam e contestam as nossas percepções sobre o mundo natural.

Nessa linha de raciocínio, sublinhamos que as inquietações contemporâneas, marcadas pelo impacto do ser humano nas crises ambientais, estruturam as formas de discurso construídos na própria literatura. Assim, segundo Glotfelty (1996), grande parte dos estudos ecocríticos compreendem a posição do ser humano em uma era marcada pela intensificação das crises ambientais, uma época em que a degradação do planeta se configura como consequência direta das ações do homem. Esse contexto, descrito nos termos do Antropoceno, nos impele a refletir sobre nosso papel, enquanto críticos literários, na análise e mobilização dessas questões. Portanto, cabe-nos a perceber como a literatura pode contribuir para a articulação de novas formas de imaginar e compreender os rumos da nossa relação com o mundo em que vivemos.

<sup>3</sup> “[...] ecocriticism is the study of the relationship between literature, and the physical environment Glotfelty”

Ao reconhecer a estruturação entre a crise ambiental e a era do Antropoceno, torna-se crucial refletir que essa crise não é apenas uma questão natural, mas está profundamente enraizada nas dinâmicas do sistema de produção contemporâneo. Como argumenta Fisher (2020), a lógica cultural do capitalismo tardio contribui para consolidar e perpetuar essa crise, naturalizando seus impactos ao ponto de torná-los inquestionáveis em nome do “progresso” econômico. Nesse sentido, a ecocrítica, ao promover uma abordagem que integra discurso, cultura e natureza, nos oferece caminhos para desestabilizar essa narrativa dominante, questionando a aparente naturalização do colapso ecológico e a própria ideia de que o capitalismo é “realista” em sua mobilização das relações entre humanos e o meio ambiente.

Compreender como funciona uma análise ecocrítica, portanto, é essencial para posicionarmos criticamente diante essa distopia capitalista em que vivemos. Na visão de Garrard (2004, p. 6), a ecocrítica interpreta as produções culturais como “construções retóricas”,<sup>4</sup> isto é, formações discursivas que não apenas informam, mas também moldam e direcionam o discurso sobre questões ambientais. Diante da crise ambiental do Antropoceno, essa perspectiva, embora criticada por sua suposta falta de “cientificidade”, reconhece que os textos literários centrados na representação da natureza são intervenções que formulam nossa percepção acerca de uma “conscientização ambiental” Glotfelty (1996). Dessa forma, a ecocrítica busca explorar como os discursos ecológicos são formados e com que efeitos ampliam seu impacto para promover uma revisão crítica das nossas ações com o meio ambiente.

Sob essa perspectiva, a ecocrítica, enquanto forma de análise cultural centrada em construções retóricas, permite explorar como as crises ecológicas são representadas e problematizadas sob a lógica do sistema capitalista. Seguindo esse entendimento, ao direcionarmos nosso olhar para a literatura distópica, podemos destacar algumas estruturas narrativas que buscam expor os impactos ambientais, bem como revelar como tais crises amplificam a permanência e intensificação das desigualdades econômicas. Nesse sentido, uma vez percebida a lógica cultural do capitalismo, introduzindo uma forma de ler a literatura com foco no meio ambiente, direcionamos nossa leitura para ver como a narrativa distópica constrói um espaço crítico em que a devastação ambiental é frequentemente associada à intensificação de polaridades estruturais, evidenciando as contradições internas de um modelo de produção que simultaneamente explora a natureza e margina populações vulneráveis.

Para isso, partimos de uma interpretação da obra “The Tamarisk Hunter”, de Paolo Bacigalupi, a partir das discussões levantadas até aqui. Bacigalupi, em sua coletânea “Pump Six and Other Stories” (2008) reúne contos que apresentam futuros distópicos marcados por questões ecológicas, projetados por meio de sua uma imaginação potencializada de cenários pós-apocalípticos permeados pela degradação e, principalmente, pela apropriação ambiental. A partir da narrativa destacada, também publicada nesse livro, focalizaremos a discussão subjacente em uma leitura ecocrítica dessa distopia, a qual nos permite analisar a representação da relação entre humanidade e meio ambiente sob a lógica perversa e contraditória do sistema capitalista, no que concerne à exploração e dominação tanto dos recursos naturais, quanto da intensificação das desigualdades no campo social.

---

<sup>4</sup> “Examples of rhetoric”.

### 3.2 A mercantilização da escassez: a distopia ambiental em “The Tamarisk Hunter”

Propomos, nesse momento, um exercício imaginativo. Nas últimas décadas, a gestão insustentável dos recursos naturais tem provocado impactos ambientais cada vez mais evidentes, configurando uma crise irreversível marcada pelo avanço do capitalismo tardio, uma vez que a lógica econômica passou a definir os limites e as possibilidades da própria existência humana. Consequentemente, ou infelizmente, a exploração desenfreada da natureza sustenta paradoxalmente nossas vivências nesse sistema, ao mesmo tempo em que intensifica as condições negativas de vida no planeta, principalmente para aqueles que ocupam posições marginalizadas. Assim, não é difícil imaginar um futuro em que esse modelo de gerenciamento nos empurre para uma escassez crítica, levando o “progresso” do capital para uma minoria, enquanto a maioria é forçada a enfrentar as consequências de um planeta em colapso.

Frente a essa reflexão, “The Tamarisk Hunter”, enquanto narrativa distópica, nos permite visualizar essas inquietações relacionadas à gestão contemporânea dos recursos naturais. A obra de Bacigalupi nos leva a uma projeção futurística de um mundo marcado pela escassez extrema de água no oeste dos Estados Unidos, onde a Califórnia, representando uma corporação estatal totalitária, aparentemente, monopoliza os recursos hídricos remanescentes, impondo restrições aos estados vizinhos e ditando a forma como os sujeitos vivem naquela sociedade. A partir da configuração distópica no conto, as preocupações vigentes sobre a natureza materializam-se em um cenário predominado pela escassez, consequência direta do modelo de gestão que conduziu a humanidade a esse mundo pós-apocalíptico, permanecendo em vigor com o controle dos recursos naturais transformado em instrumento de dominação.

Dessa forma, seguindo uma interpretação ecocrítica conforme Garrard (2004) e Glotfelty (1996), destacamos alguns elementos distópicos no conto que podem ser compreendidos como construção retórica destinada a promover uma forma de conscientização ambiental. Para chegar a essa articulação, delimitamos primeiramente que, como observa Claeys (2017), a distopia literária pode ser subdividida em três categorias principais: “política”, “tecnológica” e “ambiental”, cujos conteúdos variam conforme as preocupações específicas de cada autor, que moldam suas narrativas para destacar aspectos considerados urgentes. Nesse sentido, a distopia de Bacigalupi parte da formulação ambiental, estruturando sua narrativa em torno das tensões entre forças hegemônicas na imagem do capitalismo e suas implicações tanto na esfera humana, quanto no âmbito das crises ecológicas.

Com base nessa estrutura, o desenrolar da narrativa toma forma na trajetória do protagonista Lolo, que tem sua vida impelida pela regência do sistema monopolista da Califórnia. Lolo garante sua sobrevivência e da sua esposa, Anne, como um “caçador de tamarisco”, desbravando um mundo árido, arrancando árvores que armazenam grandes quantidades de água e recebendo créditos hídricos e monetários como pagamento. Desde o início do conto, Bacigalupi nos convida a um ambiente hostil, antecipando a sua articulação distópica na seguinte frase: “por 2,88 dólares por dia, mais a recompensa pela água, Lolo arranca tamariscos durante todo o inverno” (Bacigalupi, 2006, p. 123, tradução nossa).<sup>5</sup> Percebemos, assim, que, essa passagem evidencia a forma como a vida dos sujeitos é gerenciada, exemplificada pela posição de Lolo, cuja existência é moldada diante da escassez e mercantilização de um recurso essencial à subsistência humana.

<sup>5</sup> “For \$2.88 a day, plus water bounty, Lolo rips tamarisk all winter long”.

Vemos, então, a distopia vislumbrada por Bacigalupi nos desdobramentos que rodeiam a protagonista. Embora ele receba uma quantia em dinheiro, é a recompensa pela água que sustenta sua sobrevivência, refletindo a constituição da crise hídrica por um poder hegemônico que a consolida na lógica do capital. Analogamente, seguindo a percepção de Tavares (2024), o conto distópico de Bacigalupi já nos diz aquilo que vivemos, mas por meios metafóricos. Portanto, é a partir da forma como a narrativa retrata a relação capitalismo/natureza, diante uma corporação estatal que perpetua a crise hídrica em nome de uma subjugação das esferas humanas e ambientais, que percebemos a contradição de um sistema econômico instaurado nas bases da exploração de nossa existência.

Dentre essas formulações narrativas, os recursos anafóricos utilizados por Bacigalupi deixam claro a estruturação dessa sociedade. Na organização textual, a repetição contínua do slogan do sistema da Califórnia, “2,88 dólares por dia, mais a recompensa pela água”,<sup>6</sup> sublinha a natureza paradoxal que constitui a distopia ambiental em “The Tamarisk Hunter” (Bacigalupi, 2006, p. 124, tradução nossa). Vemos nessa repetição da frase a permanência da formulação de todo um controle direcionado aos recursos da natureza que moldam a existência daqueles que, como Lolo, são impelidos a buscar formas de subsistência na extração das árvores tamarisco, fazendo com que essa atividade seja assim descrita nas palavras do narrador da seguinte forma:

É um meio de sobrevivência; enquanto outras pessoas secaram e foram levadas pelo vento, ele permaneceu: um caçador de tamariscos, um parasita da água, uma erva daninha teimosa [...] Eventualmente, Lolo chega ao fundo do cânion. Nas sombras frias, sua respiração forma nuvens de vapor. Ele pega uma câmera digital e começa a tirar as fotos que servirão como prova. O ‘*Bureau de Reclamation*’ ficou mais rigoroso quanto às comprovações. Agora, eles exigem diferentes ângulos das tamargueiras invasoras, cada uma fotografada antes e depois, com todo o processo documentado, com coordenadas GPS e upload direto pela câmera. Eles querem que tudo seja feito no local (Bacigalupi, 2008, p. 123-124, tradução nossa).<sup>7</sup>

É significativo observarmos aqui o desdobramento ecológico presente na narrativa. Os caçadores de tamariscos, diante da escassez de água, são levados a destruir justamente as árvores que possuem a capacidade de armazenar e localizar esse recurso. Desse modo, a sobrevivência imediata nesse mundo distópico depende da exploração e aniquilação dessa flora, num ciclo paradoxal em que a natureza é destruída para se obter dela os últimos vestígios de subsistência. Notamos também como essa atividade é fortemente regulamentada pelas normas de fiscalização e vigilância da Califórnia, que instaura uma lógica de produtividade e os obriga a participar ativamente do processo de devastação do meio ambiente, tornando a mercantilização da escassez numa estratégia de consolidação do *status quo* da crise ambiental.

<sup>6</sup> “For \$2.88 a day, plus water bounty”.

<sup>7</sup> It’s a living; where other people have dried out and blown away, he has remained: a tamarisk hunter, a water tick, a stubborn bit of weed [...] Eventually, Lolo reaches the canyon bottom. Down in the cold shadows, his breath steams. He pulls out a digital camera and starts shooting his proof. The Bureau of Reclamation has gotten uptight about proof. They want different angles on the offending tamarisk, they want each one photographed before and after, the whole process documented, GPS’d, and uploaded directly by the camera. They want it done on-site.

É interessante observarmos também a escolha do imaginário ambiental elaborado por Paolo Bacigalupi. Os tamariscos, plantas notáveis por sua resistência e capacidade de sobrevivência em ambientes hostis, têm papel ecológico importante no combate à desertificação. No conto, essas árvores ameaçam a manutenção de uma ordem baseada na escassez e no controle dos recursos hídricos, o que leva o sistema a mercantilizar a prática a destruição dessa flora em torno de uma pequena recompensa. Bacigalupi imagina, assim, um governo que engendra e perpetua a crise ambiental para manter sua autoridade sobre a água e, por consequência, sobre toda a sociedade. A destruição dos tamariscos torna-se, nesse contexto, não apenas uma ação ambiental, mas uma manobra política, revelando a perspicácia do autor na representação das contradições do capitalismo e de suas implicações.

Trata-se, aqui, de uma forma de controle que explora os recursos naturais, incorporando os sujeitos à lógica de exploração que os mantém marginalizados, fazendo-os agentes da destruição que compromete suas próprias condições de existência. Analogamente, seguindo a interpretação ecocrítica de Garrard (2004), consideramos aqui a “construção retórica” a partir dos planos distópicos, que molda o discurso da natureza sobre a lógica imperativa e potencializada do capital. Bacigalupi nos convida a enxergar precisamente aquilo que é mascarado pela ideologia: a naturalização de uma crise insustentável que, como argumenta Fisher (2020), nas raízes do capitalismo, constrói a narrativa de ser a “única” alternativa viável.

A articulação retórica de Bacigalupi então, torna-se clara. Ao lidar com a especulação de um futuro possivelmente não tão distante em que a natureza é intensamente apropriada e explorada até suas últimas consequências, o autor nos leva a refletir sobre a urgência dessas questões para o gerenciamento de nossas vidas, visto que o vislumbre do futuro distópico já se entrelaça nos contornos da crise gerada pela distopia capitalista em nosso presente. Com isso, Bacigalupi articula essas questões através das peculiaridades extrapolativas desse mundo pós-apocalíptico vivenciado por Lolo, descrito pela narração extradiégetica da seguinte forma:

Eles seguem o rio, ocasionalmente subindo para mesas frias ou se aventurando pelo deserto aberto, tentando evitar o emaranhado esquelético de cidades abandonadas [...] Lolo sobe outra mesa e olha para a paisagem familiar de uma cidade devastada, com suas ruas curvas e becos sem saída silenciosos sob o sol. Na extremidade da cidade deserta, pequenos ranchos de um acre e casas elegantes de quinhentos metros quadrados, com árvores secas como gravetos e paisagismo reduzido a colinas de poeira, margeiam um campo de golfe marrom, tomado por ervas daninhas. Os bunkers de areia já nem aparecem mais (Bacigalupi, 2006, p. 124 -125, tradução nossa).<sup>8</sup>

Aqui, emerge a imagem constitutiva do espaço árido e hostil do cenário pós-apocalíptico enfrentado por Lolo. A paisagem desértica evoca um território em ruínas, onde os sinais perdidos de prosperidade se desintegraram sob o peso da crise hídrica, levando o abandono e a degradação. Logo, a narração extradiégetica sugere, de forma implícita, os remorsos de um narrador que reflete, a partir da perspectiva de Lolo, as consequências geradas pelo “esgotamento” dos recursos naturais, moldando a nossa percepção da natureza enquanto reflexão crítica das implicações que levaram a esse mundo em ruínas.

<sup>8</sup> They follow the river, occasionally climbing above it onto cold mesas or wandering off into the open desert in a bid to avoid the skeleton sprawl of emptied towns [...] Lolo tops another mesa and stares down at the familiar landscape of an eviscerated town, its curving streets and subdivision cul-de-sacs all sitting silent in the sun. At the very edge of the empty town, one-acre ranchettes and snazzy five-thousand-square-foot houses with dead-stick trees and dust-hill landscaping fringe a brown tumbleweed golf course. The sandtraps don't even show anymore.

Identificamos, a partir daí, uma estratégia discursiva na obra de Bacigalupi que se alinha ao que Garrard denomina como o “apocaliptismo ambiental”, que, seguindo a proposta especulativa das distopias, “[...] não se trata de antecipar o fim do mundo, mas de tentar evitá-lo por meio de estratégias persuasivas” (Garrard, 2004, p. 99, tradução nossa).<sup>9</sup> Nas entrelinhas da narrativa de Bacigalupi, vislumbramos a maximização da apropriação da natureza enquanto um alerta para evitar essa constituição que se desdobra no gerenciamento de vida no capitalismo tardio. Nesse contexto, “The Tamarisk Hunter”, a partir do pessimismo potencializado distópico, nos convida a refletir sobre a estrutura da própria crise ambiental, ao passo em que instiga o leitor a problematizar a lógica predatória de acumulação, a mercantilização dos recursos vitais e a configuração ética da relação entre humanidade e natureza. Dessa forma, a distopia, aqui formulada por Bacigalupi, não se limita unicamente a imaginar o fim do mundo, mas direciona a crítica ao sistema econômico e social que o engendra, abrindo espaço para a imaginação de alternativas à racionalidade que o estrutura (Tavares, 2024).

### 3.3 A crise como *status quo*: a impossibilidade do existir sob o controle ambiental

Lançando mão dos moldes da distopia clássica, em que o texto constrói posições distintas de poder, similarmente as distopias do século XX (Moylan, 2000), Bacigalupi desenvolve uma conscientização perspicaz na relação entre Lolo e as forças que regulam essa sociedade. Tal fator se mostra evidente no seguinte trecho: “Lolo descobriu o segredo da vida eterna como caçador de tamariscos [...] ele tem semeado novos trechos de tamariscos, incentivando o crescimento vigoroso de densos bosques em áreas anteriormente desmatadas” (Bacigalupi, 2006, p. 124, tradução nossa).<sup>10</sup> Notamos aqui alguns indícios para se pensar uma possível ruptura com a lógica do sistema retratado nessa distopia, ainda que, em meio à escassez imposta pelo estado hegemônico, Lolo enxergue tais alternativas apenas como estratégias de sobrevivência.

Uma leitura ecocrítica nos sugere uma possibilidade direta de conscientização ambiental através da representação desse mundo hostil, bem como nas ações implícitas da personagem Lolo. Aqui, uma manifestação de caráter transgressor parece emergir, visto que, ao semear novas áreas de tamariscos, ele vê alternativas fora do sistema, esboçando uma possível ética de restauração ecológica que desestabiliza a mercantilização da escassez hídrica presente na extração desses recursos naturais. Assim, sublinhamos uma determinada atitude de revolta nessa personagem, que se integra à percepção extradiegética do narrador, quando é retomada uma reflexão que remete aos eventos que culminaram na projeção temporal dessa distopia:

Quando a Califórnia fez suas primeiras exigências sobre o rio, ninguém realmente se preocupou. Algumas cidades ficaram sem água. Alguns novatos idiotas, com direitos hídricos ruins, pararam de criar seus cavalos, e foi isso. Alguns anos depois, as pessoas começaram a tomar banhos muito rápidos. Pouco tempo depois, passaram a tomar banho uma vez por semana. E então começaram a usar baldes. A essa altura, ninguém mais fazia piada sobre como estava ‘quente’. Não importava

<sup>9</sup> “[...]is not about anticipating the end of the world, but about attempting to avert it by persuasive means.”

<sup>10</sup> “Lolo has found the secret to eternal life as a tamarisk Hunter [...] he has been seeding new patches of tamarisk, encouraging vigorous brushy groves in previously cleared áreas”.

mais o quanto estivesse 'quente'. O problema não era realmente a falta de água ou o calor excessivo. O verdadeiro problema era que 4,4 milhões de acres-pés de água deveriam fluir pelo rio até a Califórnia. Havia água; eles simplesmente não podiam tocá-la. Eles deviam ficar ali, como macacos idiotas, apenas observando a água passar (Bacigalupi, 2006, p. 125, tradução nossa).<sup>11</sup>

Seguindo essa descrição do excerto, a narração aponta uma determinada intervenção e ressentimento na rememoração desses eventos. O trecho revela que o cenário da crise hídrica se desdobrou como consequência direta da apropriação dos rios pelo Estado da Califórnia, enfatizando que o verdadeiro problema está no fato de que a água disponível está legalmente comprometida, uma imposição de ordem política que estabelece um estado de crise para aqueles que mais necessitam. Em contrapartida, integrando-se aos indícios de questionamentos a esse *status quo* a partir de Lolo, o narrador nos traz uma reflexão sobre como o sistema se instaurou diante a falta de percepção da população naquela sociedade.

De maneira análoga, a metáfora de Bacigalupi desenvolve logicamente. A maximização do gerenciamento de nossos recursos pode levar para um estado imanente de crise em que a dominação da natureza passa a ser a forma de controle para perpetuar a desigualdade aos marginalizados. Tais contradições do sistema capitalista são enfatizadas a partir da escolha do foco narrativo em terceira pessoa. Apesar de sua distância, o narrador parece exercer uma consciência crítica, ao descrever a passividade da população que progressivamente teve o acesso à água restrito. Em contrapartida, devido a sua posição, ele consegue apenas expressar um certo remorso ao rememorar esses desdobramentos, sugerindo que nossa perspectiva distante nos impede de compreender plenamente as contradições estruturais que sustentam esse modelo de exploração, naturalizando aquilo que se apresenta como insustentável (Fisher, 2020).

Com o avanço da história, Lolo encontra Travis, um colega caçador de tamariscos. Durante a conversa, ele evita mencionar suas práticas ilegais de extração de água, consciente do risco de punições severas, pois, “como todos os crimes mais vergonhosos, o roubo de água é um assunto privado” (Bacigalupi, 2006, p. 126, tradução nossa)<sup>12</sup>. Vemos que, mesmo apontando algumas constituições para uma possível revolta, o protagonista é impossibilitado de agir, expressando um arrependimento por não ter enfrentado o sistema: “às vezes eu me pergunto se não deveríamos ter lutado mais” (Bacigalupi, 2006, p. 127, tradução nossa).<sup>13</sup> Nesse momento, os indícios de uma reconstituição ambiental e humana, sido construído na atividade ilegal de Lolo, parecem começar a se desmanchar, evidenciando a impossibilidade de agir e existir plenamente, com as personagens impelidas a um constante estado de subjugação.

<sup>11</sup> When California put its first calls on the river, no one really worried. A couple towns went begging for water. Some idiot newcomers with bad water rights stopped grazing their horses, and that was it. A few years later, people started showering real fast. And a few after that, they showered once a week. And then people started using the buckets. By then, everyone had stopped joking about how “hot” it was. It didn't really matter how “hot” it was. The problem wasn't lack of water or an excess of heat, not really. The problem was that 4.4 million acre-feet of water were supposed to go down the river to California. There was water; they just couldn't touch it. They were supposed to stand there like dumb monkeys and watch it flow on by.

<sup>12</sup> “Like all of the most shameful crimes, water theft is a private business[...].”

<sup>13</sup> “Sometimes I wonder if we shouldn't have fought them more.”

No decorrer desses diálogos, vemos que Travis foi punido para trabalhar no “Straw”. O “Straw”, no conto, é descrito como uma imensa estrutura artificial; uma espécie de duto ou canal construído para transportar água dos rios dos Estados até a Califórnia. A crise ecológica, assim, na constituição dessa distopia, é materializada na intervenção direta do sistema sobre essa sociedade, na qual a água, ao invés de ser acessível às populações locais, é canalizada, vigiada e direcionada ao lucro desse Estado hegemônico. Destarte, Bacigalupi deixa claro a sua crítica, as imagens desse futuro retratam os impactos do modelo de regência capitalista, que como nos lembra Fisher (2020), se torna cada vez mais natural e despercebido.

Ao lidar com a hipótese de que a crise é uma forma de controle, em que à água possa se tornar um recurso subordinado a lógica capitalista, Bacigalupi extrai as peculiaridades de sua distopia ambiental. A formulação de crimes hídricos parece nos ser algo imaginário, mas, ao observarmos os rumos do nosso mundo contemporâneo, a construção literária em “The Tamarisk Hunter” se torna precisa. As imagens hostis aqui observadas de medo, destruição e catástrofe, formulam-se enquanto uma projeção daquilo que já vivemos, sendo assim problemático cairmos nas armadilhas de pensar a construção distópica enquanto profecia do futuro, já que tal constituição nos direciona para refletir criticamente as contradições do nosso mundo social (Claeys, 2017; Moylan, 2000).

Destacamos, em última instância, a articulação dos desdobramentos finais da narrativa. Tais acontecimentos partem do momento em que o sistema da Califórnia aparentemente toma conhecimento das atividades ilegais de Lolo, refletidas nas seguintes palavras do narrador: “O Grande Papai Seca tem suas mãos ao redor do pescoço de Lolo hoje” (Bacigalupi, 2006, p. 130, tradução nossa).<sup>14</sup> Lolo, ao voltar para a sua casa para reencontrar a esposa, se depara com alguns guardas nacionais dos Estados controlados pela Califórnia. A princípio, ele reconhece um dos soldados, “Hale”, o que os leva a alguns diálogos que evidenciam o fim da narrativa, que nos é informada na seguinte passagem:

Hale repete. ‘A Califórnia está acabando com a recompensa pela água’ [...] Ele faz uma pausa. ‘Desculpe, Lolo.’ Lolo franze a testa. ‘Mas um tamarisco ainda é um tamarisco. Por que uma daquelas malditas plantas deve receber a água? Se eu derubar um tamarisco, mesmo que a Califórnia não queira a água, eu ainda poderia pegá-la. Muitas pessoas poderiam usar a água.’ Hale olha para Lolo com pena. ‘Nós não fazemos as regulamentações, só as cumprimos’ [...] ‘A seca pode acabar a qualquer momento. Por que eles não podem nos dar mais alguns anos? Pode acabar a qualquer momento.’ Mas, mesmo enquanto diz isso, Lolo não acredita. Dez anos atrás, ele poderia acreditar. Mas não agora. O Grande Papai Seca veio para ficar. Ele aperta o cheque e seus códigos de segurança contra o peito. A cem jardas de distância, o rio segue seu curso em direção à Califórnia (Bacigalupi, 2006, p. 134-135, tradução nossa).<sup>15</sup>

Com os desdobramentos finais nos diálogos entre Lolo e Hale, a formulação distópica de Bacigalupi revela informações que nos trazem outra metáfora para as relações de poder e

<sup>14</sup> “Big Daddy Drought’s got his hands around Lolo’s neck today.”

<sup>15</sup> “Hale repeats himself. ‘California’s ending the water bounty [...] He pauses. ‘I’m sorry, Lolo.’ Lolo frowns. ‘But a tamarisk is still a tamarisk. Why should one of those damn plants get the water? If I knock out a tamarisk, even if Cali doesn’t want the water, I could still take it. Lots of people could use the water.’ Hale looks pityingly at Lolo. ‘We don’t make the regulations, we just enforce them [...] ‘The drought could break any time. Why can’t

controle presentes na nossa gestão dos recursos naturais. O uso da expressão “Grande Papai seca”, que se repete extensivamente para descrever a crise que domina o cenário do conto, personifica esse fenômeno como uma força autoritária e opressiva, que, semanticamente, integra nossa percepção a uma ideologia patriarcal com o uso do substantivo masculino “papai”, incorporando à crise ambiental ao modelo econômico capitalista, que detém as normas de controle que garantem a sobrevivência, ou não, na sociedade. Essa escolha linguística confere à seca uma construção metafórica na forma, transformando-a em um “agente ativo de opressão hegemônico” que molda as vidas das personagens e reforça a hierarquia socioeconômica dessa sociedade.

Esse controle se torna explícito no momento em que Lolo é confrontado por Hale, que informa que a recompensa pela água será extinta e que as comportas, ou os terrenos de tamariscos, que outrora sustentavam sua sobrevivência, serão fechadas. Percebemos, assim, que a luta de Lolo para garantir o acesso à água, já precarizada, revela-se não apenas inútil, mas parte de um ciclo de exploração que sustenta o poder daqueles que controlam os recursos. A lógica de destruição ambiental, especialmente da flora, inscreve-se em um paradoxo: ao mesmo tempo em que submete os sujeitos ao *modus operandi* de um sistema predatório, transforma a busca por sobrevivência em um mecanismo de exclusão socioeconômica. Trata-se, portanto, de uma sentença de apagamento e permanência da crise tanto da natureza quanto dos modos de vida que dela dependem.

O protagonista, que outrora replantava as sementes dessas árvores, vê seu sustento ser negado, conduzindo a narrativa para o desfecho pessimista e desolador assim como vemos nitidamente nas distopias clássicas do século XX. Poderíamos aqui apontar traços desses trabalhos na escrita de Bacigalupi, assim como a figura onipresente do “Grande Irmão” em “1984”, Bacigalupi utiliza a repetição anafórica da expressão “Grande Papai Seca” integrada a sua distopia ambiental, expondo a relação intrínseca entre o capitalismo e a crise ecológica, sublinhando como o controle dos recursos naturais se entrelaça com a exploração humana. Consequentemente, da mesma forma que George Orwell formula a sua crítica do totalitarismo com a derrota de Winston Smith no final de “1984”, às últimas linhas do conto de Bacigalupi nos alerta, através dessa visão pessimista distópica, sobre a consolidação do colapso ambiental capitalista como uma força inescapável: “O Grande Papai Seca veio para ficar [...] A cem jardas de distância, o rio segue seu curso em direção à Califórnia” (Bacigalupi, 2006, p. 135, tradução nossa).<sup>16</sup>

## 4 Conclusão

Com a emergência da distopia no século XX, muitos autores voltaram suas percepções para denunciar os governos totalitários da época. Diante os desdobramentos dessas produções culturais, vemos atualmente outras configurações para representar a constituição de nossa relação contemporânea com o mundo natural. Desse modo, seguindo uma leitura de Claeys

---

they give us a couple more years? It could break any time.” But even as he says it, Lolo doesn’t believe. Ten years ago, he might have. But not now. Big Daddy Drought’s here to stay. He clutches the check and its keycodes to his chest. A hundred yards away, the river flows on to California.”

<sup>16</sup> “Big Daddy Drought’s here to stay [...] A hundred yards away, the river flows on to California”.

(2017), percebemos o caráter político dessa literatura, de se posicionar criticamente diante as tensões em que os autores vivenciam, propondo alternativas para criticar aquilo que vai na contramão à esfera subjetiva humana.

No caso de “The Tamarisk Hunter”, essa dimensão se evidencia na maneira como o autor explicita a contradição central da narrativa: as personagens são inseridas em um contexto em que a própria crise ambiental é instrumentalizada como mecanismo de exclusão social. A escassez, longe de representar apenas o colapso do meio ambiente, converte-se em dispositivo de gestão da vida, como se observa na condição paradoxal de Lolo, cuja sobrevivência está condicionada à extração e à destruição do ambiente que o sustenta. Assim, a distopia, tal como elaborada por Paolo Bacigalupi, potencializa a reflexão sobre o agravamento de uma crise ambiental global, expondo as contradições do gerenciamento capitalista e seus impactos sobre a vida e o meio ambiente.

Diante das discussões apresentadas, buscamos, nesse artigo, uma leitura do conto “The Tamarisk Hunter”, de modo a identificar como os componentes que formulam essa distopia - o cenário de escassez extrema de água, a mercantilização dos recursos naturais, o sistema de créditos hídricos como mecanismo de controle e a normalização da sobrevivência sob lógica extrativista - tornam-se uma extrapolação crítica, talvez não tão distante daquilo que já vivemos no nosso mundo atual. A posição ecocrítica adotada aqui articula-se para percebermos o conto enquanto uma alternativa para desnaturalizar aquilo que se apresenta como irreversível, a perpetuação insustentável do gerenciamento capitalista da natureza.

Por fim, como evidencia a narrativa, a impossibilidade de Lolo existir plenamente e se rebelar contra o sistema configura uma imagem pessimista, por meio da qual Bacigalupi chama atenção para os caminhos que estamos trilhando em nossa realidade. A força de sua crítica distópica está na perspicácia em mostrar que a criação capitalista de uma crise ambiental que constitui o próprio “fim do mundo” acaba servindo de alicerce para a estruturação das camadas socioeconômicas reforçadas por seu gerenciamento. De certo, tais representações na distopia materializam-se como forma de questionamento a naturalização de uma perspectiva que, como na célebre frase atribuída a Jameson e a Žižek, tão bem articulada por Fisher (2020, p. 10): “é mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo”.

## Referências

BACIGALUPI, P. The Tamarisk Hunter. In: BACIGALUPI, P. *Pump Six and Other Stories*. San Francisco: Night Shade Books, 2008. p. 123-135. Disponível em: <https://archive.org/details/pumpsixotherstor0000baci/page/124/mode/2up>. Acesso em: 6 jun. 2025.

BUELL, L. *The Environmental Imagination: Thoreau, Nature Writing, and the Formation of American Culture*. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 1995.

BUTELER, M. J. Imaginaries of the Anthropocene and “The Tamarisk Hunter” by Paolo Bacigalupi as Narrative in the New Ecological Era. *English Studies in Latin America: A Journal of Cultural and Literary Criticism*, n. 15, p. 1-16, 2023. Disponível em: <https://esla.letras.uc.cl/index.php/esla/article/view/65963>. Acesso em: 01 mar. 2026.

CLAEYS, G. *Dystopia A Natural History: A Study of Modern Despotism, Its Antecedents, and Its Literary Diffractions*. Oxford, United Kingdom: Oxford University Press, 2017.

FISHER, M. *Realismo capitalista: é mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo?* Rodrigo Gonsalves, Jorge Adeodato e Maikel da Silveira (Trad.). São Paulo: Autonomia Literária, 2010.

GARRARD, G. *Ecocriticism*. London; New York: Routledge, 2004.

GEORGE, S. M. G. S.; SHARMILLA, S. J. Reimagining Ecology and Human Survival: An Ecocritical Exploration of Paolo Bacigalupi's Works. *Crossian Resonance*, v. 15, n. 2, p. 288-291, 2024. Disponível em: [https://holycrossnsl.edu.in/Content/images/dept/research//41.%20Cros.%20Res.%2015,%202%20\(288-292\).pdf](https://holycrossnsl.edu.in/Content/images/dept/research//41.%20Cros.%20Res.%2015,%202%20(288-292).pdf). Acesso em: 17 maio 2025.

GLOTFELTY, C. Introduction: Literary Studies in an Age of Environmental Crisis. In: GLOTFELTY, C; FROMM, H. (eds.). *The Ecocriticism Reader: Landmarks in Literary Ecology*. Athens, Georgia: University of Georgia Press, 1996. p. xv–xxxvii.

JAMESON, F. *Pós-modernismo: A lógica cultural do capitalismo tardio*. 2. ed. Maria Elisa Cevalco (Trad.). São Paulo: Editora Ática, 1997.

LESTARI, P. A. *The Impact of Water Pollution in Bacigalupi's The Water Knife: An Ecocritical Analysis*. 2024. Tese (Graduação em Literatura Inglesa) – Universitas Islam Negeri Maulana Malik Ibrahim Malang, Malang, 2024. Disponível em: <http://etheses.uin-malang.ac.id/69278/>. Acesso em: 17 maio 2025.

MOYLAN, T. *Scraps of The Untainted Sky: Science Fiction, Utopia, Distopia*. Boulder, Colorado: Westview Press, 2000.

ORWELL, G. 1984. Renan Bernardo (Trad.). São Paulo: Excelsior, 2021.

PERRIN, C. Negotiating Water in Times of Drought: An Ecocritical Study of Cli-fi Novels Paolo Bacigalupi's *The Water Knife* and Benjamin Percy's *Dead's Land*. In: DODEMAN, A.; PEDRI, N. (eds.). *Negotiating Waters: Seas, Oceans, and Passageways in the Colonial and Postcolonial Anglophone World*. Wilmington: Vernon Press, 2020. p. 166-177.

SAMI, M; IQBAL, A; IRFAN, M; NADEEM, M. A. Lexical Choices and Environmental Despair: Analyzing Water Scarcity in Paolo Bacigalupi's *The Tamarisk Hunter*. *Al-Mahdi Research Journal (MRJ)*, v. 5, n. 5, p. 27-32, 2024. Disponível em: <https://ojs.mrj.com.pk/index.php/MRJ/article/view/426>. Acesso em: 1 mar. 2026.

TAVARES, D. A distopia é aqui?: Reflexões sobre um mundo em ruínas. *A Terra é Redonda*, São Paulo, 14 nov. 2024. Disponível em: <https://aterraeredonda.com.br/a-distopia-e-aqui/>. Acesso em: 12 jun. 2025.